

CASA DO POETA BRASILEIRO EM SALVADOR

POEBRAS/SALVADOR



Forte de Mont Serrat

Erguido entre 1583 e 1587, este forte, juntamente com o forte de santo Antônio da Barra, constituiu o primeiro sistema de defesa de Salvador. Foi tombado em 1957 pelo Patrimônio Histórico Nacional. Sua arquitetura mescla estilos colonial e medieval, com destaque para as guaritas em forma de cúpula. Abriga atualmente o Museu da Armaria.

Ano 2004 – 2005, Número 6

Oswaldo Francisco Martins, editor

Diretoria;

Presidente – João Justiniano da Fonseca

Vice-presidente – Heloísa Pinto de Freitas Graddi

Secretária – Pérola Bensabath

Diretora de Biblioteca – Conceição Affonso de Carvalho

Diretor de Intercâmbio Cultural – Oswaldo Francisco Martins

Diretor de Eventos – Nelson Haroldo Correia dos Anjos

Conselho Fiscal:

Nilson Petronilo de Sousa

Zínia de Araújo Góes

Mário Belmiro Barbosa

Patrono perpétuo – Castro Alves

Patrono de honra – Virgílio José de Almeida

Patrono de gestão – Antonio de Carvalho Melo

SUMÁRIO

4	Página de abertura
5	Formas poeétrixticas: erotrix, concretrix e outras
13	Ativismo cultural e o seu agente político
16	Saudade
17	Notícias
19	Convidado
21	Gente da casa
21	Alcione Sortica
23	Arealdo de Paula
25	Célia Lamounier de Araújo
26	Conceição Affonso de Carvalho
28	Eloísa Antunes Maciel
29	Ester da Silva Vasconcelos
30	Heloísa Pinto Freitas Vieira Graddi
31	Ilma Fontes
33	Iraídes Andrades
35	Ivone Selistre
37	Jane Lemos
39	João Bosco de Castro
41	Joaquim Moncks
43	João Justiniano da Fonseca
45	José Moreira da Silva
46	Kátia Maria
50	Maria Amelia Gonçalves Hillal
52	Maira Beatriz Engers
54	Maria Clara Segobia
56	Mário Belmiro Barbosa
58	Nelson Fachinelli
54	Nelson Haroldo Correia dos Anjos
65	Nilson Petronilo
66	Olga Amorim
68	Olga Mathion
70	Oswaldo Francisco Martins
72	Pérola Bensaabath
73	Regina Barcellos dos Santos
75	Valdevino Neves Paiva
76	Zínia de Araújo Góes

PÁGINA DE ABERTURA

Estamos apresentando o sexto número de nossa revista POEBRAS SALVADOR. Simples como deve ser a poética, amena, desligada de escola, de compromissos formais. Com a participação, desde o número anterior, da POEBRAS NACIONAL, que traz confrades de outros estados, prevalecente entre estes o grande Rio Grande do Sul. Textos ao gosto do autor, que os produz para o leitor, juiz supremo do que escrevemos. Livremente ao gosto do autor. Nada é proibido em arte, se vem assinado.

Este número sai com atraso de um ano, de modo que representa os anos de 2004 e 2005. Pedimos desculpas pela mora. Aconteceu que eu estava com dois livros no computador, para fechar neste ano. Com autorização da Diretoria passei a edição ao Diretor de Intercâmbio Cultural, nosso dinâmico e extraordinário companheiro Oswaldo Francisco Martins, que o assumiu com imensa boa vontade. Mas a boa vontade há de estar conjugada à disponibilidade de tempo. E o Oswaldo é um moço de horário inteiramente tomado pelo trabalho profissional. Engenheiro, tem expediente de tempo integral na empresa onde exerce a profissão. Professor, seu horário é noturno. Vem fechar os olhos por volta de meia noite, quando não entra pela madrugada. A luta pela vida, que, em regra, deixa aos moços pouco espaço para si e a sua poesia, seu lazer, sua família. Conheço isso. Em fim, lancei os meus livros e o Oswaldo fecha a revista. Obrigado amigo, Deus te há de compensar, o que não posso eu.

Em janeiro de 2006 voltaremos aos nossos concursos, se Deus também a mim proteger.

João Justiniano da Fonseca.

Salvador, 25 de novembro de 2005.

FORMAS POETRÍXTICAS: EROTRIX, CONCRETRIX E OUTRAS

Por Oswaldo Francisco Martins

O MIP – Movimento Internacional Poetrix continua firme na senda *internética* e ganhando publicações tipo *hardware* ou, como dizíamos mais antigamente, em papel, como é digno a toda e qualquer linguagem novíssima e que precisa tornar-se difusa no vasto seio literário.

Curiosamente, nasceram muitos tipos semânticos de poemetos. Escreveram-se ainda, de maneira mais complexa um pouco, muitos na forma concreta, esta de mais difícil concepção e menos comum. O poetrix, por conseguinte, se houve sempre apresentando estética variável e expressando grande criatividade de seus poetrixtas, tudo na ambiência do grupo de discussão do trístico *goulartiano*.

Conquistaram a maior afeição deste que vos escreve os poemetos que tratam da temática sobre sexo, primeiramente. Num segundo momento, foram aqueles concernentes à forma estritamente concreta, esta última conquistando muitos adeptos no atual clã poetríxico.

Quanto ao poetrix que trata de sexo, em algum dos quase seis anos de vida do poetrix, brotou a denominação **erotrix**, não se registrando o criador do neologismo. Para os poetrix em símbolos ou palavras não foi tão diferente do **erotrix**, caracterizando a existência de três versos, mantendo ainda um título convencional – escrito com palavras do idioma, ganhando a designação **concretrix**.

São permitidas as veiculações de poemas eróticos no MIP, censurando-se os que afrontam os preceitos morais, que agridem as pessoas. Proíbem-se ainda os pornográficos, que escandalizam e nada somam de valor ao MIP.

Existe ainda uma modalidade de terceto intitulado **clonix**, muito praticada por alguns poetrixtas, cuja essência semântica imita a já definida ou conformada pelo poetrix que inspira tal tipo de poemeto. Apodera-se o clonitrixta, portanto, da idéia concebida por outro poetrixta, incorporando-se no **clonix** elementos inerentes ao estilo de quem o escreve. Esta forma de poetrix gerou muita discussão no tocante à ótica do plágio em poetrix e definitivamente não está consensada internamente ao grupo de discussão do poetrix, havendo inclusive opositores ao mesmo, onde se

incluem este escritor e o grande poetrixta Pedro Cardoso. Como conseqüência do que aqui está exposto, deve-se entender que ainda há de se discutir muito para deveras se destrinchar a verdadeira contribuição do **clonix** ao MIP, posto que os poetrixtas que mais produziram poetrix no mundo – os escritores Oswaldo Martins e Pedro Cardoso – jamais “escreveram” um só **clonix**! Verso algum precisa ser *quasi* copiado... literalmente!

Como uma forma criativa e muito bela do poetrix, o **cartoontrix** une o poemeto à ilustração em foto ou desenho correlato ao tema poetrixado, o que exige dupla habilidade do vate: saber de poesia e entender, ler e/ou elaborar desenho ou trabalhar a fotografia. Vara-se, assim, a fronteira da arte poetrixtica, que se integra às imagens reais e às cores. A inserção de efeitos sonoro-visuais quase sempre embeleza mais o trabalho em mídia eletrônica. Tal tipo de criação não é fácil de ser concebida e, por conseguinte, não é arte para qualquer artista!

Como interação entre os poetrixtas ativos no grupo de discussão, praticam-se as formas múltiplas dos poetrix, bastante conhecidas de todos, que são o **duplix**, o **triplix** e o **multiplix**. Ainda faltam orientações ou regras para que sejam evitados erros que venham a transcender à mera licença poética. Para Oswaldo Martins, a forma múltipla do poetrix ainda precisa ser mais bem lapidada, devendo a mesma constituir-se indubitavelmente num novo poetrix e, por conseguinte, respeitar a regra vigente das 30 sílabas poéticas. Tal regra, por sua vez, será ainda criticada aqui. Exclusivamente para uma maior consolidação e necessária demarcação das fronteiras da arte em poetrix, espera-se que o MIP reveja inteligentemente os pontos acima um dia!

Na modalidade dita **ciranda**, destrincha-se um tema simultaneamente por vários poetrixtas, cada um mostrando sua visão sobre o poetrixado, enriquecendo-o sobremaneira com muitos poetrix belos e convergentes para o cerne do assunto, sem, entanto, praticar-se plágio algum! Os poetrixtas não copiam o pensamento de outrem, mas expressam o seu modo de pensar e imaginar e poetrixar com criatividade, virtude de maior relevância dos vates, coisa perfeitamente negada no **clonix**, o que faz este autor declinar definitivamente de praticar esta modalidade. Igual pensamento negativo sobre o **clonix** é corroborado por alguns poetrixtas ativos no MIP.

Há grande motivação para a prática da **ciranda**, normalmente lida e apreciada por todos e ainda ganhando destaque em *homepages* ativas

na *internet*, onde se têm exposições de trabalhos e respectivos autores, numa revelação da capacidade em poetrizar a temática ou o tema ou o mote e dos adotados ou escolhidos para o desafio (sem réplica, posto que não se trata de desafio), o que engrandece o MIP e estreita a comunicação entre afiliados.

Outras formas haverão de brotar da criatividade dos poetrixtas como aliás tem sido a história desta arte nova, novíssima, mas com feições adultas, delineando-se sua consolidação no meio literário no globo, principalmente na teia internética, onde *e-books* seguem a trilha do **Caderno de poetrrix**, organizado por Goulart Gomes, além de antologias e livros-solo de poetrixtas vários. O poetrrix firmou-se principalmente pela simplicidade da forma para um entendimento semântico que se nos mostra para interessantes imagens poéticas e pelo pouquíssimo tempo exigido na leitura da forma singular pertencente em que se insere na arte minimalista, a qual se nos apresenta para a diminuta leitura de seus 3 (três) versos livres sob o tema versegado que cobrem.

Na senda do futuro do poetrrix haverá de estar a firme e séria discussão entre os praticantes, ditos veros poetrixtas, entusiastas da arte minimalista, a qual abraça a novíssima linguagem *goulartiana*, divulgada com intensa velocidade na rede de computadores do mundo. Por conseguinte, um entendimento maior dos poetrixtas determinará o sucesso do poetrrix, cuja sinergia dependerá da tolerância de cada membro agregador de valor ao MIP, esta naturalmente acrescida da plena abertura para a discussão livre e séria do poemeto em questão.

Goulart Gomes, o criador do poetrrix, sabedor das carências e do necessário estabelecimento das delimitações da abrangência do poetrrix a serem perfeitamente entendidas no curso do poeminha que um dia concebera, zeloso com o MIP e jamais estabelecendo restrições ao movimento, já está envolvido em planejar o **I Encontro Internacional de Poetrrix**, previsto inicialmente para ocorrer em Salvador, Bahia, em junho de 2006. Assim, temos tudo caminhando para a afirmação definitiva e o engrandecimento devido do poetrrix no cenário mundial!

Os poetrrix a seguir expostos, todos de autoria de OFM, ilustram e conformam semanticamente e na forma em que estão dispostos o **erotrix** e o **concretrix**. Então, passemos à apreciação dos exemplares de poemas dessa arte minimalista...

AROMAS

No cheiro de prado,
Fato: perfume de sexo...
Ato belo ou nexo?

NUMA BOA

Tenha-se o bem já!
Lá se aviste farto sexo!
Nada de complexo!

PICOS DE PRAZER

Fogo na alma e corpo.
Sopro erótico nos traça,
Clímax vem e passa...

VERO AMOR CARNAL

Com satisfação,
Gemidos, suores, gozos...
Fábrica de amor.

RASGOS

Telhados dos gatos.
Altos, rasgados gemidos...
De sexo nutridos.

ANCIEDADE

Navegando os sexos,
Perplexos ficam os dois...
Prazeres têm, pois.

VERÃO

Sexo, gente louca,
Pouca roupa no corpão...
Transas de tesão.

TELESEXO

Vontade de sexo
Na chamada telefônica.
Clímax por cartão.

ENSINAR (COM PRAZER)

Professor de sexo
Jamais pára sua prática...
Finda-a após o clímax!

AGRADOS NO ATO

Carícias profundas,
Fundas no prospectar tudo,
Sexo sobretudo.

MOMENTO DE FOME

Sexo engole corpos...
Corpos choram, têm um canto;
Quando em gozos, pranto.

INTRÍNSECO DELAS

Gemidos ditos,
Gritos, berros nunca loucos...
Nelas não são poucos.

SEXO TININDO...

Coisas da mocidade:
Intimida de tão forte
E sexo de porte.

VERSÁTIL MÃO

Mão no sexo do outro,
Noutro lugar vai também...
Reclama ninguém.

E POR PENSAR EM SEXO...

Na separação,
Corpos distantes estão.
Na cuca há tesão.

O ATO

Nunca choca a todos.
Modos de dois, puro amor...
Amor sem pudor.

ENDIEDRADOS

```

                X
            P     I
            O     R
            E T
    P O E T R I X
      O     R
    P     I
          X
  
```

NABLADOS

```

P   O   E   T   R   I   X
  O
      E       R
          T
  
```

CASA

```

  /\
 /\ 
|__|
  
```

HERMAFRODITAS

```

O---|---->
O---|---->
O---|---->
  
```

PROIBIDO FUMAR

```

  /
|-----|
  /
  /
|-----|
  /
  /
|-----|
  /
  /
  
```

DOIS EM UM

Descara-se o papo
No trato louco de corpos...
Olhos, beijos, línguas.

COISA ÚNICA

Nas palavras doces,
No sexo louco também,
Você e mais ninguém.

DO VIRAR BRASA

Sexo funde corpo...
Se entanto tua água falta,
Rubra brasa acende.

INSTANTES FEBRIS

Morangos mais doces,
Chantili na pele quente e
Lambidas de fêmea .

LEMBRANÇA DO PRAZER

Tolo sonho erótico,
Desfeito no clímax pleno,
Fica a vida toda.

TROCA TÉRMICA

Pela pele e mente,
Calor desprende-se dela
Pelo o regar dele.

A BELA PERVERSA

Fogosa, morena,
Pequena moça levada
– Na cama, malvada!...

INTIMIDADE

Pintas d'onça bela,
Aquarela na calcinha...
Minúsc'la pecinha.

VEXADOS

Flerte do passado,
Ficado d'hoje de dois:
Liberdade, pois!

ÍNTIMOS

O quente segredo
Medo não concebe, não...
No fogo em ação.

HUMANOS ATIVOS

Tudo muito louco...
Pouco nexo, carne e sexo:
Viver não complexo.

DAS PRELIMINARES

Beijos são impulsíveis!...
Combustíveis de prever
O amor a haver.

ATMOSFERA EM SEXO

Em Amaralina
Malina a mente da gente:
Sexo a nossa frente!

CENÁRIO

Cama, roupa branca.
Cheiro, perfume do sexo.
Corpos nus, clímax.

MARCAS

Na tarde de núpcias,
Carícias plenas ficaram...
Loucuras marcaram.

CAÇADA D'AMOR

Procurar amor,
Calor sentindo no sexo,
Tem sentido ou nexo.

ATO D'HÉTEROS

Gemidos e gozos,
Suores, calores: transa...
Quer-se mais... – não cansa!

FOGARÉU

No centro do fogo,
Jogo de dedos, de língua...
Ninguém fica a mingua.

CARENTE FÊMEA

Quando nada a impede,
Pede fogo, vira brasa,
Seu clímax não atrasa.

CARÊNCIA

A seca felina,
Menina adulta e quente,
Diz-me estar carente...

CARNAL

Foi num sonho quente...
Agente se deu e se quis.
Sexo bem se diz.

CURTIÇÃO...

Tarde de verão,
Agitação, sangue quente...
Prazer nunca em vão!

TARDE ÍNTIMA

Faltou o nome "boy",
Faltou força para tanto...
Calor vindo dela.

INSACIABILIDADE

Do fogo nasce o gozo.
Do gozo, vontade louca...
Vontade não pouca!

Deve ser percebida a possibilidade de existência de sobreposição para as formas **erotrix** e **concretrix**, fato perfeitamente observável nos poetrices “Pederastismo” e “Lesbianismo”, desde que a conotação do ato sexual seja depreendida dali.

Para maiores informações sobre o poetrice e suas modalidades, o MIP e os poetrices, visitar a página <http://poetrice.vilabol.uol.com.br/>.

ATIVISMO CULTURAL E O SEU AGENTE POLÍTICO¹

Por Joaquim Moncks²

O agente político que faz as coisas acontecerem no largo campo da Cultura e seus vetores é o ativista cultural.

Figura especialíssima que, sem o fruto de seu trabalho, nada ocorre no plano prático.

É aquele que abre o espaço social para os efetivos agentes produtores de atos e fatos culturais. É aquele que, via de regra, apresenta o artista ao público em geral. É ele quem faz a interação entre os sujeitos ativo e passivo.

O campo de sua atuação ocorre tanto na área pública como nas organizações não governamentais.

É aquele que está sempre preocupado com o todo, com macrocosmo situacional, e não com as microsituações, se bem que, muitas vezes, por falta de outros agentes no desdobramento do processo cultural, tenha de agir até no detalhamento executivo dos projetos.

A ótica do ativista cultural não é a de seu sucesso pessoal como artista e criador na área de Artes.

Impõe-se o coletivismo, o solidarismo, ou seja, tudo aquilo que venha a funcionar, nos estamentos sociais, como fomentador do processo de caldeamento cultural.

Este agente normalmente atua em várias frentes de trabalho, tentando articular e/ou estabelecer elos de ligação entre tais compartimentos estanques, aproximando lideranças culturais e evitando que as localidades, cidades e/ou grupos se tornem guetos de servidão ou expressões maniqueístas de ação e conduta.

¹ Edição ampliada de entrevista concedida a Ione Jaeger, a 26 de maio de 2005, para o jornal eletrônico da Associação Cultural de Amigos da Artes – ACAART, de Novo Hamburgo, RS.

² Advogado. Poeta. Crítico Literário. Ativista Cultural. Político. Atual Coordenador Nacional da Casa do Poeta Brasileiro – POEBRAS–NACIONAL.

Requer-se, desde logo, que este agente tenha um perfil ativo como pessoa: solidarista, agregador.

É possível identificar-se, de pronto, o seu perfil idealista, pleno de verdades hauridas em suas vivências. O desprendimento pessoal o caracteriza.

Mas o seu trabalho deve ser sempre remunerado, quando de suas ações gerar lucro para as partes envolvidas.

O lucro pessoal não descaracteriza nem proscree o ativista. Todo o trabalho humano tem de ter compensação que permita prover a necessidade básica de viver o cotidiano.

O trabalho do ativista é o fator credenciador de seu sucesso e renome. É, também, verdadeira mola-mestra de propulsão para este idealista, que merece ser denominado como ativista cultural.

Mas, pelo que tenho observado, o agente do ativismo cultural nasce pobre e morre na mesma condição: desprovido de recursos financeiros.

O que move o ativista é o altruísmo. O seu prêmio se constitui de copiosas menções de honra como SÓCIO BENEMÉRITO em dezenas de instituições culturais. É a maneira mais usual de a comunidade agradecer pelo trabalho.

O verdadeiro ativista é caracterizado pelo idealismo: tira de seu bolso os recursos com que fará "andar o barco" das ações culturais. Deixa o poder público com suas costumeiras dificuldades e passa a viver à cata de apoios não governamentais para poder realizar eventos.

O que mais vai caracterizar as ações do ativismo cultural é a conjugação permanente entre os vetores Cultura e Educação.

Para um país que tem baixíssima média de leitura de livros / ano, esta conjugação de esforços é a única e preciosa maneira de produzir uma criatura humana mais feliz, mais plena de cidadania e de utilidade para as ações culturais no seio da comunidade.

A denominação deste tipo humano como **Ativista Cultural**, agente efetivo do Ativismo Cultural, foi a materialização normativa de proposta apresentada pelo autor deste trabalho em nome da Casa do Poeta

Riograndense, durante o 1º Congresso Brasileiro de Poesia, promovido pela POEBRAS, e ocorrido em Nova Prata, RS, na primavera de 1990.

Pretendíamos, com este nominativo, unificar as variantes costumeiras de Animador Cultural, Agitador Cultural, Promotor Cultural, Divulgador Cultural, etc. A proposta foi aprovada, por unanimidade, e, hoje tomou corpo em todo o Brasil.

Entendo que é chegada a hora de regulamentar esta profissão. Também a de seu prestador.

Esta providência legislativa dignificaria o ativista, e permitiria que se fizesse justiça a este importante agente da política cultural e se teria como mensurar o valor remuneratório deste incansável trabalhador, que é verdadeira mola propulsora das ações culturais.

SAUDADE

Registramos o falecimento do ex-Diretor de Eventos da Poebras/SSA, o poeta José Pedro Machado, ainda muito jovem, mas nos deixando parte de sua lavra poética em livro-sólo publicado, como também, em outras publicações coletivas. Nossos pêsames à família e entes queridos de Pedro e que Deus o tenha em sua mansão.

Foram o poeta Milton Costa, nosso Conselheiro Fiscal, e sua esposa, a suave Rita Costa. Sempre presentes um ao lado do outro. Dia 18 de dezembro de 2004, um estúpido acidente de automóvel matou, na hora, Rita Costa e uma companheira de viagem. Milton Costa entrou em coma e padeceu até o dia 24 de abril, quando veio a descansar.

Também foi nossa querida Margarida Reimão, integrante da Portal CEN - Cá Estamos Nós, que padecia há mais de dois anos. Amiga do coração da Poebras Salvador. Dia 5 de abril de 2005.

Consuelo da Silva Dantas, a doce e querida Consu, da UBT/BA e POEBRAS SALVADOR, passou à eternidade em 26 de junho de 2005. Conosco ficam a saudade, sua poesia e sua prosa, na bela ficção dos 5 livros publicados. Prefaciando **Eu, a Escola e Os Moinhos de Vento**, João Justiniano da Fonseca teve essa expressão: "Escrevi, tempos passados, que o brilho dos vinte seis tem força de sobrepor poder de magos e reis. Pois bem, em Consuelo da Silva Dantas, é o brilho dos oitenta e seis. Tem força de sobrepor muito brilho de vinte e seis. Iniciou-se em letras com livros didáticos. A seguir, bem para s frente, a literatura. Depois dos oitenta, em 1999, brindou-nos com **CARLOTA** – Páginas de um Diário, um romance encantador. Dois anos depois, em 2001, outro romance **RENASCER** – Uma História de Amor e Vida. Em 2002, o terceiro romance, mais forte e mais bonito, **A Morte do Arco Íris**. Está hoje nos oitenta e seis e brilha mais que nos livros anteriores, com suas memórias. **Eu, a Escola e os Moinhos de Vento**, não é um livro apenas de memórias autobiográficas. É ao lado disso, a história de uma época, em parte de um sonho, de um ideal! Veio como último livro antes de entrar para a Mansão dos Deuses, o romance **David e Golias**, a cujo lançamento, já hospitalizada não compareceu. Deixou em preparação o romance que denominaria **Ninguém tem Medo de Lili**. "Está quase pronto", chegou a anunciar.

NOTÍCIAS

João Justiniano esteve circulando pelas terras gaúchas. Lançou o seu último romance, **Crônica dos Deuses** ilustrado por artistas plásticas gaúchas, na Feira do Livro em Porto Alegre e autografou com os confrades gaúchos a coletânea CAPORI. Em Santo Antônio da Patrulha ainda autografou o livro e festejou com os amigos, especialmente as ilustradoras Ivanise Mantovani, Mara Carvalho Leite, Gessy Luz, Vera Vargas e Silvia Heler. Faltou a presença de Vera Escobar, também ilustradora do romance, em razão de problemas de saúde na família. Ampliando um pouco às andanças, compareceu ao Acampamento da Poesia, em Entre-Ijuís, uma festa poética muito bonita – recitação, música, palestra, canto e o tradicional chimarrão, muito ao gosto da grandeza da gente gaúcha.

Publicação de **O CAPITAL**, jornal de resistência ao ordinário, n. 124, julho 2004:

"REVISTA DA CASA DO POETA BRASILEIRO EM SALVADOR – Nº 5/2003. – Editor João Justiniano da Fonseca. Falta alguém que lidere o mundo, se aposse de todas as armas morrais e espirituais de todas as religiões, de Moisés a Cristo, de Maomé a Buda e quantas mais existam, comande-as para uma guerra de destruição à guerra. E esta maldita seja abolida da face da terra para o sempre do sempre. Assim se faça com a violência e o crime de toda espécie". Publicação que tem Castro Alves como Patrono Perpétuo, sobrevive graças ao custeio dos participantes (e ao sonho de continuar existindo), já que não tem patrocínio ou divulgação promocional. Nesse número, temos a PEBRAS Salvador e a POEBRAS nacionalmente representada (pessoas de várias partes do nosso território – novas companhias a partir desta). Mais uma realização titânica de João Justiniano da Fonseca – um brasileiro de fé que edita a Revista do Poeta Brasileiro em Sal."

Olá, querida Ilma Fontes, obrigado, por mim, pela Direção POEBRAS. A realização, amiga, não é minha, é nossa, da POEBRAS, sua também. O sonho sim, este é meu, mas não morrerá comigo, sobreviverá em vocês, e, para o além, no tempo, nos seus sucessores. O sonho é um milagre inesgotável, que se repete incessantemente.

REPUBLICADO:

Publicado com erros gráficos por má digitação, no número 5 desta revista, republica-se na página seguinte.

DA FUGACIDADE DO PRESENTE

Paulo César de Almeida

O que é o presente senão uma simples aporia do tempo
que se folga entre o decurso do ontem
e o acesso inevitável do amanhã?
O presente é apenas um elo, imperceptível até,
como fiel entre duas eternidades equidistantes,
do mesmo ponto para direções opostas.
O que é o presente senão esse ponto intocável
que se percebe da explosão ao impacto do projétil,
ou o pensamento ao expirar do moribundo?
O presente é o que se vive do não existir ao nascer,
o que acontece entre o nada e a concepção;
é o tempo gasto do fiat ao início da gênese.
O presente é quase nada, muito menos que o atualmente,
mais rápido que o hoje, o agora, este instante...
pois tudo isso já é passado para a luz e para o pensamento.
O presente é, na verdade, acrônico e intemporal:
é um futuro tão próximo que se esvai
e um passado que ainda não chegou.

CONVIDADO

O editor convidou o poeta e escritor Sebastião Marques a apresentar-se aqui. Trata-se de amigo, professor do ensino médio e superior de língua portuguesa e literatura brasileira, colaborador em concursos literários da Casa do Poeta Brasileiro em Salvador na qualidade de jurado. Sebastião está convidado a integrar a Poebras/SSA.

Sebastião apresenta aqui sua poesia, cujos trabalhos poderão ser lidos em seu excelente livro de poemas em versos livres **Escrito a giz**.

Vejamo-lo a seguir...

A MINHA POESIA É LÍRICA

Sebastião Marques³

A minha poesia é lírica, de verve subjetiva a marcar o sentimento amoroso em um espelho de faces lisas e encrespadas: de um lado consciente de estar amando; do outro inconsciente, entregue a toda sorte de desejos recônditos e incontroláveis.

Do consciente emerge a diacronia do lirismo exercido pelos trovadores medievais em suas cantigas, cuja música prima (matéria-prima) a palavra num enlace sonoro e vocabular. Passa pelas camonianas dos sonetos cujo racionalismo equilibra o pensamento sensível em fluxo e refluxo do coração à mente. Passa pela poesia romântica com sua natureza exuberante e, claro, com sua visão de mulheres tão dispare, desde a doente, branca, acamado, embalsamada em nuvens, até a sensual, erótica, carnal, a se envolver na noite andaluza de lua maior.

Entretanto, é bom que se digam, todas essas mulheres que emergem do desejo masculino são mulheres criadas, inventadas, imaginadas por homens e por suas épocas: seja na poesia, seja na prosa.

Creio que, apesar da tradição de versas sobre o amor, a modernidade lírica traz o dolo de como disfarçar a epiderme ácida em meio ao absurdo de sentir-se lírico no mundo moderno cujas relações nem sempre

³ Escritor, poeta e professor. *E-mail*: sebamneto@yahoo.com.br.

são marcadas pela continuidade da relação amorosa, ou mesmo do sentimento amoroso.

Em sua ambigüidade, o amador é aprendiz e protagonista do sentir, não o reflexo, nem o recíproco a entregar-se... Então, o amador torna-se o timoneiro vendado que emerge da névoa marinha e, aos berros, dita a ordem: à esquerda, marinheiro. À esquerda do peito, com certeza.

Nos poemas que ora apresento, desvelo a relação amorosa em gênese e em fim, díspares e antíteses rolam pelos versos a dizer a nós o quanto contraditório é o ser - amante. Tenciono analisar como a permanência de certos processos temáticos ainda vigora, apesar de toda avanço na área psicológica na forma de expressão. Essa tensão entre o velho e o novo (se é que existe novidade ou autenticidade), entre a história oficial da literatura e a poesia marginal, feita e rarefeita nos muros, em guardanapos e outros suportes que o poeta cria para que a sua mensagem atinja mais leitores.

São todos os poemas de amor em que a existência do sentimento é investigada em sua mão-dupla, como uma moeda jogada ao ar cujo destino é excludente. Porém, na minha investigação emotivo-literal, busco entender como se faz a liga entre os lados opostos, num movimento fusionista, de repúdio ao ou e de abraço ao e. Isto é, busco a inclusão dos sentimentos, por mais difíceis de serem vividos na sua mansidão, e repudio, portanto, o fácil desacordo, o caminho mais curto entre o querer e a perda da ilusão.

Salvador, 4 de outubro de 2005.

GENTE DA CASA

ALCIONE SORTICA. Gaúcho de Cachoeira do Sul/RS. Em Porto Alegre desde 1967. Bacharel em Ciências Contábeis/UFRGS, Ex-Auditor Fiscal do Tesouro Nacional. Aposentado/1990, dedicou-se à música, pintura e literatura. Tem contos, poesias e crônicas publicados em antologias, coletâneas, jornais e revistas. Usa como lema: "Poesia - Grito de esperança por um mundo melhor". Rua 24 de Outubro, 1281/208, Bairro Auxiliadora, Porto Alegre – RS, CEP 90510-003. Endereços eletrônicos: a_sortica@portoweb.com.br e sortica@portoweb.com.br.

SÓTÃO

Sim, temos um,
quem não o tem?
Num canto qualquer do ego,
repleto de névoas, pequenino,
mas, como cabem bugigangas lá!
Desde cabides,
abarroçados de lembranças penduradas,
até quadros avoengos,
empoeirados, riscados,
descascados,
de seres queridos que se foram
e só viverão ali,
enquanto vivermos.
Fotos amarelecidas, de velhos amigos,
desaparecidos no pó do tempo,
mortos?, vivos?,
nem sabemos.
Pedaços de sonhos,
como cacos de louça rara,
que teimamos em guardar
por tempo indefinido,
como se fosse adiantar.
Fantasias rasgadas,

de remotas eras,
manchadas, surradas,
boloradas,
quantas quimeras!
Velhos amores,
mágoas, saudades,
grandes e pequenas dores.
Uma caixinha de música,
contendo o riso de um filho,
que o mundo já levou.
E, tal como sótão,
vai ficando tudo lá,
empilhado, mal guardado,
amontoado,
ao deus dará.
Até quando?
Sei lá!...

SORRISO⁴

Serafina, moça pobre,
magra, tímida, miudinha,
olhos grandes como jabuticabas molhadas,
tão negros como a pele.
Serafina,
o sorriso abrindo-se como um sol.
Às vezes,
é como se a imensidão se rasgasse,
despejando no espaço um turbilhão de estrelas,
iluminando tudo ao redor.
Mas, quase sempre,
lembra delicado colar de pérolas,
incrustado num pequenino mar de ébano.

⁴ Do livro **Cacos do tempo**, 2005.

AREOALDO DE PAULA. MSPW – Qd. 03 – Conj. 06 – Lt. 04,
Etapa “C” – Park Way, Brasília – DF, CEP 71735-300. Tel. (0xx61)3552-
0721, cel. (0xx61)9218-9219.

AO SEU LADO

Ao reverte, agora vejo,
no rosto a marca do tempo...
A entristecer-me, destroçando-me
Por dentro...

Ao ver seus cabelos grisalhos,
embranquecidos a perder a cor...
Antes negros como a noite,
Quando os afagava com amor.

Seus castanhos e lindos olhos
de brilho e beleza sem igual...
A entempear meu coração
em terrível vendaval...

Seus lábios carnudos e bonitos,
a entreabrir em sorriso encantador...
Foram um dia meus, e os beijei,
com sofreguidão, carinho e amor...

Seus seios pontiagudos, eretos,
corpo escultural e sedutor...
Hoje uma silhueta do passado,
flácido, entorpecido sem calor...

Ah... se retroceder no tempo
pudesse, a vida daria para voltar ao passado...
Esqueceria nossas divergências,
para hoje estar ao seu lado...

ROSAS DA SAUDADE

Amei muito, fui amado e feliz,
transpondo barreiras até a maturidade...
Relembro agora os amores vividos,
amargando minha saudade...

No auge de minha juventude,
grandes foram os amores que vivi...
Foram eles razão do meu viver,
incontestes proas do meu existir...

Oh!... quantos frenéticos beijos,
Oh!... quantas carícias senti...
Oh!... quantos amores perdidos,
Oh!... quantos belos momentos vivi...

Quantas vezes varei madrugadas,
na chuva ou garoadas...
Para viver belos momentos,
ao lado de minhas amadas...

Estas lembranças povoam meu sono,
ofertando-me alento para prosseguir...
Assim vou vivendo saudades,
até o dia em que vou partir...

Assim narro minha estória,
esta é, a mais pura verdade...
Vertem hoje meus olhos lágrimas,
regando as rosas da saudade...

CÉLIA LAMOUNIER DE ARAÚJO. Advogada e escritora, tendo vários livros editados, é sócia de academias literárias. Atualmente se dedica a uma pesquisa de genealogia para o livro **Lamounier famílias**. Natural e residente em Itapeçerica – MG. Praça Lincoln Ribeiro, 22, Itapeçerica – MG, CEP 35550-000. <http://celialamounier.portalcen.org>.
Endereços eletrônicos: celialamounier@yahoo.com.br, celialamouier@yhoo.com.br e celialamounier@yhoo.com.br.

AMAR é DAR

Dar tua solidão por companhia
a outro alguém sequioso de alegria
é gesto que pode parecer inútil
mas, sobretudo, não fútil.

Dar a tua mão para amparar
a criança, que por certo vai amar
melhor o mundo que lhe apóia,
é como dar uma jóia.

Dar um pouco de tempo em visita
a um doente ou uma pessoa aflita
transforma qualquer dia em um dia
especial de poesia.

Dar o teu silêncio ou tua voz
a todos estes seres que estão sós
necessitando de calor humano
para afastar desengano.

Dar, palavra que por si é doce,
por muitos maltratada qual se fosse
um estigma de traição...

Dar é amar – chave do coração.

CONCEIÇÃO AFFONSO DE CARVALHO. Baiana de Salvador. Escreve poesia, trova e contos. Pertence à UBT/BA e à Poebras/SSA na qualidade de sócia fundadora, exercendo o cargo de Diretora da Biblioteca. Faz parte da coletânea **Água viva**, da Contemp Editora e das coletâneas **Pepitas do Meu Garimpo** e **A luz da fraternidade** da UBT/BA. Rua da Taioba, 50, ap. 602, ed. Cap. D. Antibes, Caminho das Árvores, Salvador – BA, CEP 41820-400. Tel. (071) 3351-2664.

NOITE

No silêncio repousante
Da noite
Passam-se imagens fugidias
Na minha mente em repouso
Tento fixá-las por instantes
Algumas me perturbam
Me castigam
Com outras, filosoficamente
Me identifico
Como uma atitude libertária
Sobre elas medito
Relaxo e adormeço

CORAÇÃO DE POETA

Ninguém sabe o que se passa
No coração de um poeta
Se é caçador, se é caça
Nem qual é a sua meta

Se está alegre ou triste
Se amarga alguma dor
E contudo subsiste
Seja de que jeito for.

Mas num velho caderninho
Driblando as incertezas
Escrevo mostrando o tema

Que, com a alma em desalinho,
Expõe a razão das tristeza
Num exaurido poema.

ELOÍSA ANTUNES MACIEL. Professora jubilada da UFSM (UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA). Escreve poesias, contos e crônicas, para periódicos de circulação nacional. Tem participado de antologias no seu estado e no país. É filiada a diversas entidades que congregam poetas e escritores, entre as quais se destaca a Academia Brasileira de Estudos e Pesquisas Literárias (ABEPL-RJ). Obteve vários prêmios, entre troféus, medalhas, diplomas e menções honrosas. Escreveu quatro livros individuais de poesia e tem dois projetos de publicação nesse nível. Rua Venâncio Aires, 1110, ap. 105, Santa Maria – RS, CEP 97010-004. Tel.: (0xx55)3221-1691. Endereço eletrônico: eloisa.maciel@gamil.com.

AO PÉ DO OUVIDO...

Ao pé do ouvido
Sussurra a brisa,
Conta um segredo
Sem hesitar.

Ao pé do ouvido
Fala o silêncio,
Lembrando coisas
Pra se pensar...

Ao pé do ouvido
Fala a saudade.
E muitos sonhos
Vai recordar...

Ao pé do ouvido
Se tramam guerras
Que a Humanidade
Vai deplorar...

Ao pé do ouvido
Se tecem sonhos
Que na esperança
Vão despontar!

ESTER DA SILVA VASCONCELOS. Professora aposentada, poetisa, trovadora da UBT – Seção de Salvador, com livros publicados. Av. Sete de Setembro, 1451, ap. 105, Campo Grande, Salvador – BA, CEP 40080-001.

BILHETE A PAPAI NOEL

Papai Noel é verdade,
que só depende de sorte
ou que não dás por maldade,
presente a menino pobre?

Ó meu velhinho bondoso,
agora estou esperando...
Dizem que és caridoso,
por que nos vive enganando?

Neste Natal que vem vindo,
não tragas brinquedo, não.
Queremos mesmo é comida
pra alimentar meu irmão.

Eu não quero que ele morra...
Está fraco o pobrezinho.
Não tem leite, não tem pão,
apenas tem meu carinho.

Por isso, caro velhinho,
escuta-me, por favor!
Vem depressa e, do saquinho,
dá pra nós, seja o que for!

HELOÍSA PINTO FREITAS VIEIRA GRADDI. Poetisa. Juíza de Direito com exercício na 1ª Turma Recursal Civil e Criminal de Salvador. Membro integrante da UBT Bahia e sócia efetiva da POEBRAS Salvador. Rua Baraúna, 92, Horto Florestal, Salvador – BA, CEP 40295-070. Tel. (0xx71)3276-6272, cel. (0xx71)8805-4086.

Nas duas páginas abaixo seu voto no processo JPCV nº 1036/2002, embargo de declaração.

JOÃO JUSTINIANO

Nosso João da Fonseca
romancista do Sertão.
o amor à terra seca
faz vibrar o coração.

Em soneto ou boa trova
seu cantar com maestria
de beleza se renova
em pungente fantasia.

Terra seca, poucas flores
de raríssimos olores
cuja aridez é tristeza.

Sua sensibilidade
transmuta a adversidade
numa ode à natureza.

NATUREZA

30 de junho *de 2005*

Foi-se o inverno deprimente,
da primavera é o fulgor.
Da flor no ventre, a semente
brota seiva, esparge olor.

Quando a luz do sol inunda
vales, florestas, montanhas,
a flora se faz fecunda
e abre, feliz, as entranhas.

O cio da terra aflora
– o beija flor sem demora
dá início ao seu labor.

Da borboleta a afoiteza
auxilia a natureza
fecundando com amor.

ILMA FONTES. Médica pediatra. Jornalista por profissão e amor – alma e coração. Poetisa, roteirista de cinema. Sócia correspondente da Poebras em Salvador. Dirige e edita com muita garra – **O Capital**, jornal de resistência ao ordinário, comandando-o a partir de Aracaju para o Brasil inteiro. Vive para a arte. As grandes almas nasceram para viver muito, e sempre lúcidas, produtivas. Deus a segure até a idade proveta, que no entender dos poetas está a partir dos 90. Pelo menos isso. Terá muito que dizer.

SUPEREGO

Uma hora eu quero tocar o barco pra frente
Noutra, quero virar o barco, afogar toda gente.
Horas eu passo sem temer, sem rir, sem falar
Horas morro feito cigarra, estourada de cantar
Por vezes posso ser a Bela da Tarde
Por outras sou o Fantasma da Liberdade
Algumas vezes mar sereno, sem ondas, sem espuma
Frequentemente ressaca, maremoto, céu de brumas
Numa hora quero ser eterna, diamante
Noutra sou poeira, passageira, sem dia nem hora,
Sem amante, sem noite e sem calmante
Só eu só.

BILHETE DE AMIGA

Não me queira mal
Não me queira tanto
Logo virá o desencanto
E não tenho mais palavras
Para agradecer o silêncio
O vazio de pessoas
A ausência redentora.
Lavei aquele coração de plástico
Onde está escrito "eu te amo"
– presente de uma amiga –
soprei o ar até completar o cheio
e pendurei-o num prego existente
na porta de entrada, que também é saída.
Ali ele está, presente, sempre, e tanto
Que nem se vê nem se sente, pronto
Para se encher de poeira e murchar
Novamente, até a próxima encarnação.

IRAÍDES ANDRADE. Enfermeira, poeta-trovadora e membro ativa da União Brasileira de Trovadores (UBT), Seção de Salvador, Bahia, desde de 1990, tendo participado de algumas coletâneas desta entidade, dentre ela a comemorativa que traz por título 30 anos de poesia, publicada em 1999. Publicou o livro-solo **Último ato:** poemas e trovas. Rua Território do Guaporé, 273, ed. Jardim de Versailles, ap. 601, Pituba, Salvador – BA, CEP 41830-520. Tel. (0xx71)3248-2711.

DESEJO

(Verso que eu gostaria de receber)

Menina do vestido azul,
cheio de bolinhas brancas,

Fique parada aí.

Não olhe nunca ninguém,
com olhos cheios de amor.

Também não posso lhe amar.
Há o destino no meio.
Há forças que nos afastam.

Mas fique parada aí.

Não deixe que os anos passem.
Não perca a ingenuidade.
Veja se evita o desejo.
Nunca se entregue a ninguém...

Espere por mim
que um dia
Volto com amor pra você.

Não importam as rugas no rosto.
Não importa o corpo cansado,
Não importa o sofrer que o tempo

lhe pôs tristeza nos olhos...
Menina do vestido azul,
azul de bolinhas brancas,
que esteve parada aí,
inda gosto de você.

Esqueça que eu lhe deixei...

Volte pra mim agora.
Volte e diga que me ama
como amava antigamente...

Esqueça o que já passou,
volte pra mim com amor...

Menina do vestido azul,
azul de bolinhas brancas.

IVONE SELISTRE. Contista e poetisa, com vários livros publicados e participações diversas em coletâneas. Participa da POEBRAS e de outras entidades culturais. Está sempre presente nas publicações da Poebras. Premiada em muitos concursos literários. Destaque Patrulhense 1900-2000. Av. Borges de Medeiros, 378, Santo Antônio da Patrulha – RS, CEP 95500.000. Tel. (0xx51)3662-1642.

MISTÉRIO GLORIOSO

De tantas milhas abandono o cajado,
já não mais suporte o peso de cansaços;
cúmplice do tempo, no caminho andado,
somo distâncias entre luzeiros baços.

Soçobra a vida, em finitude inglória,
tão logo vem o doer, desencanto.
por que os astros, na eterna trajetória,
são imutáveis, parece, e brilham tanto?

Dos mistérios dolorosos passo contas,
cravando na mão inerte a cruz do terço;
se penitência é viver, assim, às tontas,
sobre cinzas de meus versos, adormeço.

Sonhando, escuto, do céu, num alento,
vozes de anjos em suave melodia,
que ao som deliras, ou talvez do vento,
entoam hino de glória à poesia.

POEMA DE ESTRELAS

Se poderes e dom tivesse o poeta
para, de estrelas, bordar o firmamento
com versos brilhantes e o sentimento
dum magistral e inspirado esteta;

se cada noite, como livro aberto,
transluzisse o céu, em deslumbramento,
ante poemas escritos pelo vento
ao sabor de sopro inspirador liberto;

se, em largo gesto de sensibilidade,
fossem gravados para a eternidade,
poemas com idioma universal;

ah! se o poeta, de estrelas, no céu pudesse
compor o verso que n'alma permanece,
seria, então, a poesia imortal!

JANE LEMOS. É jornalista e poeta. Seus textos falam de temas como o tempo, a morte, o fazer poético, a angústia e a beleza da poesia do cotidiano. Gosta de participar de recitais e já venceu vários concursos promovidos pelo Teatro do Sesi, em Salvador, Bahia. A produção literária de Jane inclui obras infanto-juvenil. Alguns de seus textos podem ser lidos no blog <http://conficcoes.blog.uol.com.br/>. Endereço eletrônico: janele@uol.com.br

ADEUS AOS AVIÕES

Sonho com o dia
em que as pessoas não precisem
se jogar das janelas
para ver o céu.
Quando rasgam o azul,
sei,
são aviões de guerra
abatidos.
E o vento é um açoite.
E o peito é uma foice.
E a minha vida é escavar poemas
num cemitério aéreo.
Vou pela margem,
vão pela margem da poesia.
Como papéis-pássaros em branco,
vão.
Tudo está por escrever,
em vão.
Bombas de gás lacrimogêneo,
voam.
Vão pela margem,
vou pela margem da poesia.

A TECELÃ

O ofício de tecer o verso.
Um a um urdidos,
unidos,
apertados aqui,
folgados ali.
Uma volta,
 um nó,
uma rosa,
 uma colcha.
Os fios brancos do cabelo,
vestido de nuvens.
As flores da saia,
pálpebras cansadas.
Tremem agulhas
nos pontos delicados:
hesitam, escorregam, caem ao chão.
Silenciosas,
vão enrolando e
desenrolando a vida.
Até o dia do grande cobertor.
De todos os fios, todas as cores,
todas as dores, todos os filhos.
Mas o cobertor não nos cabe.
Descobre os pés.
(Ou a cabeça.)
Ademais,
puxa-se qualquer ponta e ele,
prontamente,
desfaz-se.

JOÃO BOSCO DE CASTRO. Nascido em Pará de Minas – MG em 31 de janeiro de 1947, filho de João Rodrigues Ramos de Castro e Maria Ramos de Castro. Coronel da Polícia Militar de Minas Gerais, camanólogo, professor do ensino superior de português e lusofonia, jornalista profissional, filólogo, poeta, ensaísta, vice-presidente e secretário-geral da Academia de Letras João Guimarães Rosa, da PMMG. Tem oito livros publicados e duzentos e dezenove prêmios em concursos literários nacionais e internacionais, inclusive um conferido pela Academia Brasileira de Letras. Membro efetivo e emérito de várias academias de ciências e letras e associações nacionais e internacionais de escritores. Integra dezenas de antologias e coletâneas de textos. Rua Epídoto, 143, Santa Teresa, Belo Horizonte – MG, CEP 31010-270. Tel. (0xx31)3082-7699.

POESIA

Poesia é vôo sinestésico e espraiado!...

Macio como a Paz,

Cheiroso como a Educação,

Implicante como a Metáfora,

Imensurável como o Amor,

Melodioso como a Sensibilidade,

Colorido como o Silêncio,

Saboroso como a Palavra,

Infinito como a Literatura,

Indecifrável e soberbo como o espírito,

Mágico e multimorfo como o Homem!...

Viajemos o vôo etéreo e gelatinoso da amplidão humana,

Segundos por multissecular fentossegundo,

Em busca da louvação ao Eterno,

Com sabor a Paz, a efetividade do Espírito, o encanto da Educação, a melodia da Metáfora, a policromia do Silêncio, a maciez do Amor, a infinitude da Sensibilidade, a implicância da Palavra, o multimorfo prodígio da Literatura e a hermética soberba do Homem!

Voemos a viagem indecifrável da Singeleza, pelos ares arcádicos e soberanos da Henriqueta Lisboa!

Voemos a indomável Poesia!...

HENRIQUETA LISBOA

Por Lambari ao Mundo oferecida
Como labor sublime do Artesão;
Veludo sinestésico da Mão
Com fluidos de palavra enternecida!

Por nós tão pequeninos recebida
Como Poema-Luz em verso chão:
Verbo macio e afável sugestão
Com rima adocicada em prol da Vida!

Literatura, Amor e Educação
(Trinômio sem o qual ninguém é Gente!)
Misturam Sapiência com Magia,

No Templo multimorfo da Emoção
Em cujo interior se lê e sente:
Henriqueta Lisboa é Poesia!

JOAQUIM MONCKS. Oficial PM, na reserva. Advogado. Ativista cultural. Agente Literário. Poeta. Declamador. Conferencista. Ensaísta. Nascido a 29 setembro de 1946, em Pelotas, RS. De 1973 até 2004, entregou ao público seis livros individuais, no gênero Poesia. Tudo o que publicou em prosa está disperso em mais de uma centena de antologias e coletâneas. Vice-presidente da Academia Sul Brasileira de Letras, de Pelotas. Da Academia Literária Gaúcha - ALGA, da Sociedade Partenon Literário, da Casa do Poeta Riograndense – CAPORI e da Estância da Poesia Crioula - EPC, todas sediadas em Porto Alegre, capital do RS, onde reside. Em outubro de 2003, assumiu a Coordenação das Casas de Poetas do Brasil – POEBRAS NACIONAL, entidade líder do associativismo literário, com 55 sedes municipais em onze Estados. Idealizador, fundador e primeiro presidente da Academia Brigadiana de História, Artes, Ciências e Letras – ABRHACEL, que congrega os intelectuais da Brigada Militar do Estado do RS. Edita o Suplemento Literário **OFFICINARIUM – AMOR & INCLUSÃO SOCIAL**, do Jornal RS LETRAS. Endereço eletrônico: joaquimoncks@ig.com.br.

AMOR E SUA SOMBRA

O amor tem a singular
dimensão do medo.

O poeta arranha-se
e na epiderme o amor fica.

Surdos e cegos
consomem-se os amantes.

Trajetórias de inexplicáveis
silêncios segue a vida
entre a criatura e sua sombra.

É áspero o traço trágico do ciúme.

E na epiderme o amor resiste.
Ali reside sua cáustica clausura.

FADA-MADRINHA⁵

A fonte do poema nunca é a alegria.
Esta é a própria poesia personificada,
a fada-madrinha viva, resoluta, saltitante:
o olho além da órbita, dentes além da boca.

Afinal, recados pro coração são sempre lágrimas
entre o confrangimento e o sorriso encabulado.

Poemas são, apenas, olhos do coração,
e ambos são chorões por sua própria natureza.
O sangue, líquido e escondidinho,
navega por caminhos impensáveis.
Passeia no compasso dos afetos.

Em ti e contigo, amadinha,
existe uma confiança
a que não estou acostumado:
sei que falas a voz profunda
dos aflitos, mas não a dos sem-Deus,
e estes são pequenos,
perderam-se faz muito tempo...

⁵ Do livro **Ovo de Colombo**, 1999 / 2005.

JOÃO JUSTINIANO DA FONSECA. Poeta, sonetista, trovador, contista, romancista e biógrafo, possuindo mais de uma dezena de obras publicadas. Acadêmico de várias instituições literárias no Brasil. Rua Mato Grosso, 478, ed. Mansão Real da Pituba, ap. 602 – Pituba, Salvador – BA, CEP 41830-150. Tel. (0xx71)3240-0100. <http://joajustiniano.net>. Endereço eletrônico: joajustiniano@terra.com.br.

AO SETENTÃO NELSON FACHINELLI

Em 14-08-05

O Nelson Fachinelli e as Letras. O trabalho!
A afanosa labuta, o esforço do operário
Que tudo põe e dispõe a tempo. No estuário
O rio para o mar. E na oficina o malho.

Este sujeito é a um tempo o Cireneu e o Cristo.
E é o madeiro e o cravo, o algoz, o povo, a lei.
Põe na tribuna o autor e na platéia o rei,
Conduz e oferta o livro, e o divulga e faz visto.

Com que esforço e zelo às musas se oferece!
Ladeiras e degraus, montanhas sobe e desce...
O Nelson Fachinelli é um homem feito em bruxo!

É a comunhão de heróis, maragato e chimango
No trabalho de irmão... Agora, à valsa e ao tango,
No abraço fraternal ao setentão gaúcho!

TEU NOME

Para Mai, o coração

Por minha mágoa e tormento,
Em letras de ouro e granito
Teu nome me foi inscrito,
Gravado no pensamento.

Quis arrancá-lo. Restrito
Ao fundo do sentimento,
Fez-se em registro lamento
Por letras de fogo escrito.

Andam agora a buscar-te,
Chamando por toda parte
Sem descobrir-te jamais.

É que estás presa em meu peito,
Amor, carinho, preceito...
Um M , só, nada mais!

FESTAS

Para a Dra. Heloísa Graddi

Festas, festas a Heloísa,
Que hoje aniversaria.
Glória à única juíza
Que desembarga em poesia.

É douto, extraordinário
Seu julgado, e a lei acata.
Suave e terno o rimário,
No despacho em que prolata.

Cria escola, faz conceito
Entre os pares e é aceito
Com admiração seu usual.

E a gente sente que em breve,
Por justiça ela se inscreve
No alto do Tribunal!

JOSÉ MOREIRA DA SILVA. Oficial do Exército Brasileiro, na reserva. Advogado. Cronista. Poeta. Ativista cultural. Nascido em Pau D'Alho, Pernambuco, em 1927, chegou ao RS no final da década de 50. Aqui estudou e constituiu família. Humanista por vocação é um dos maiores estimuladores do associativismo literário. Publicou **PAIXÃO – FRUTO MADURO – INFINITO**, poesia. Porto Alegre: Edicom, 1999. Idealizador e presidente da Academia Literária Gaúcha - ALGA, desde a sua fundação, em 1994. Membro titular na Academia de Artes, Ciências e Letras Castro Alves, cadeira de Alceu Wamosy. Do Partenon Literário, do Grêmio Literário Castro Alves e da Casa do Poeta Riograndense, na qual exerce a presidência do Conselho Deliberativo há quatro mandatos. Reside em Porto Alegre.

BREVIÁRIO DA FLOR⁶

Enquanto a bela flor enfeita o campo,
um pirilampo emite luz incerta
noutras paragens. E nasce o canto
em metáforas: o poema desperta

a beleza da flor, as penas brancas
do pássaro a voar no imaginário.
No desenho do corpo da *potranca*
o garanhão legou seu breviário.

E aquele olhar profundo penetrou,
foi além da vil carne, em busca d'alma,
onde o marco poético cravou

moirão de cerne da melhor estirpe.
Palavras de beleza tal são palmas,
enfeitam tudo o que na mente existe.

⁶ Último soneto da tríade, cuja inspiração nasceu da leitura do poema **DEFINIÇÃO**, de autoria do vate Joaquim Moncks.

KÁTIA MARIA DE AGUIAR BARBOSA. Nasceu em Salvador, mas foi em Ituaçu que começou a escrever, ainda adolescente, embalada pela calma e beleza das paisagens chapadenses. Escreve poesias além de poemas e histórias infantis, dentre os quais – ainda a ser publicado – o livro "Um dia de chuva", que conta histórias do imaginário de crianças do interior da Bahia. É pedagoga, especialista em Didática, atualmente professora da Universidade Estadual de Feira de Santana – UEFS. Escreveu a Memória do Parque Sagrado São Bartolomeu, publicada na Revista Memória da Educação na Bahia, da Universidade Estadual da Bahia – UNEB. Rua Archibaldo Baleeiro, 202/12, Rio Vermelho, Salvador – BA, CEP 41940-110. Tel (0xx71)3489-7167, cel. (0xx71)8838-7870. Endereço eletrônico: katiaaguiar@uefs.br.

ANGELICAL

Certa vez vi, quase sem querer,
uma imagem refletida...
Era meio um anjo torto,
meio sem rosto, anônimo.
Coisa desses anjos
que aparecem só,
como quem tem algo a pedir...

Trazia sobre as asas
um manto,
E sob seus pés resplandecia
Imensa luz que,
no entanto,
ofuscava-se em sombra fugidia.
Ria-se de mim, o anjo.

Visto que eu não sonhava,
Que aquele anjo assim
estranho, ali mesmo estava,
corri.
Corri do anjo, corri de mim,
ajoelhei-me enquanto passava

o som do riso que ouvi.

E não tive mais como fugir.
Era apenas meu anjo torto,
brincando comigo...
Era meu anjo tonto,
que sem intenção de iludir,
dava-me lições de perigo...
Meu anjo gosta de brincar comigo.

OUTRA FACE

Eu sou aquela que tece fantasias,
Que rompe o silêncio na aventura dos tempos.
A que rasga o mistério na aurora dos dias,
A que afaga tua alma com pensamentos.

Sou quem na noite sem pecado geme
Prenhe de solitários suspiros abrasados.
E a que sonha, mesmo quando teme,
Com o abrigo dos teus braços cansados.

Sou a que se entrega despudoradamente,
A que se atira cega do equívoco.
E vê, ainda com pesar, mas consente
A sisudez do teu segredo precípua.

Eu não sou a que cala melancolias,
Não posso reconhecer-me na alma vazia,
Nunca a que só assiste ao passar dos dias.
Sou quem renasce, sempre, qual fruta tardia!

Sou manhã, madrugada, sou a noite e o dia.
Sou quem acaricia mansamente teu corpo,
E na ânsia que me confere a tua poesia
Não sou crepúsculo, nem ocaso: sou porto!

Então, lanço-me em luxuosos abismos,
Reviro páginas dos livros, incenso, encanto,
Busco, sofregamente, amores e lirismos,
Traduzo-me... o passado é onde mora meu pranto.

DOIS PONTOS

Há um liame qualquer entre a dor e o prazer...
Estreito fio onde tento equilibrar meu sentido.
Na mesma medida em que o matar ou o morrer
São as prosaicas idéias do meu eu combalido.

O amor guarda do ódio um céu inteiro, a grandeza!
Quando um é tão grande permite ao outro estar contido.
São dois pontos que cintilam, eqüidistantes da nobreza,
Nos nostálgicos olhos negros do anoitecer vencido.

Todas essas palavras trazem em si um profundo silêncio.
Quando adormeço alinhando os taciturnos pensamentos,
Guardados nas páginas rotas, sem epígrafe, sem prefácio,
Sinto-me entre a demência e a lucidez, assim: dois pontos!

FANTASIA

Juro. Não temo mais esse teu jeito.
Mesmo incrédula ante as sensações
Eu me surpreendo, salto, eu te delato,
Entrego-te indefeso ao caos das ilusões.

Deves ter um sobrolho, um medo, eu sei,
Deve haver algo que em ti não reconheças.
Enquanto pensas que de tanto amar, amei,
Escapo-te pelas frestas sem que me percebas.

Teu egoísmo cego esconde teu olhar risonho
E te prende a uma delgada teia, rota e fria.
Mas, se ainda crês que nada te proponho,
Exilas-te de mim... faz-me a madrugada vazia.

Por que não foges, célere, ao meu olhar?
Acaso temes o crepúsculo desse desejo?
Aparta-te! Permite-me ao menos sonhar.
Fantasia é o nome próprio do teu beijo.

CAÓTICO

Que soprem os ventos
E arrastem as imagens
Formadas em mim!
Temporais, fujam
Com as lembranças na algibeira!
Pássaros, alcem vôos!
Feras, em carreira!
Deixem-me só,
Por favor à minha existência...
Minha sombra
Já sabe que estou sem juízo.

Os intolerantes já se vão
Longe, com suas modinhas
Tristes.
Dignas bacantes
Riem-se, enquanto surpresos
Acolhem-me pérfidos gigantes.
As flores murcharam...
Horror do perfume.
Minha cabeça caótica
Não mais pensa
Como de costume.

MARIA AMELIA GONÇALVES HILLAL. Nasceu em Pelotas-RS. É bancária aposentada. Editou Poemas a esmo (1995), com suas poesias; e Recordes da vida de Francisca Marcant Gonçalves (1998), com poesias e apreciações sobre os livros de sua genitora. Endereço: rua D. Pedro II, 692, ed. Sabino Rosa, ap. 101, Pelotas – RS, CEP 96010-300. Tel. (0xx53)227-7747.

PRECE DE NATAL

É Natal de Jesus. Meu Deus, pelo Teu Filho
Que neste mundo andou e procedeu tão santo,
Faze que a humanidade olhe da luz o brilho
Anula a provação que a desventura tanto.

No meu Brasil tão lindo, seu povo no canto
Disfarça o sacrifício; o que lhe mancha o trilho
É formoso mudar. Urge que o doce manto
Da fartura, a saciar, paire sem empecilho.

Que todos passam ter a saúde e harmonia;
Ouvir da mansuetude e bela sinfonia
Que à criatura, o Bem, sempre bondosa, faz.

Ilumina a minha alma e coloca-me aldravas
Se eu for magoar alguém. E que minhas palavras
Sejam motivo bom para a Concórdia e Paz.

SÊ ASSIM SEMPRE

Sê assim sempre, filho: bom e honesto;
Ama a família, o lar, a retidão
Em tudo o que emprenderes. E, de resto,
Deus te fará sereno o coração.

Se te surgir na vida algo funesto,
Que o desviar não possa a tua mão,
Confia em Deus que, com suave gesto,
A tudo dá consolo e solução.

Procura ser amigo, e tolerante
Com as fraquezas do teu semelhante;
E nunca sentirás acro desterro.

E não creias que estou muito falante
Quando te digo o que penso constante:
– O que não julga jamais cai num erro!

MAIRA BEATRIZ ENGERS. Professora secundarista de Literatura Brasileira – Atual Presidente da ASES (Associação Santa-Rosense de Escritores). Sócio-integrante da ASES. Publicações de Artigo, Crônicas e/ou Críticas Literárias nos jornais Zero Hora e Correio do Povo; Poemas e Poesias nos jornais Zero Hora e Noroeste Regional; Participações nas Coletâneas de Poesias da ASES e SELETIVA de POEMAS Ars VIVA 2003 – Santos/SP. Destaque no Conto-2003/Academia Literária – RJ. Classificação Ars VIVA/Poesia Moderna – 2003 Santos/SP. Prêmio de Contos – Três de Maio/RS – Concurso Nacional – 2003. Prêmio – Concurso Municipal – Poema no Ônibus – Santa Rosa/RS – 2004. Prêmio Professores Poetando 2004 ASSERS/Brasil e Países do ConeSul (UCS-RS). Homenagem na Feira do Livro de Porto Alegre (9/11/2004) (15:30 h), Tema: A MULHER NA POESIA no RGS – (30) Trinta Poetas. Primeiro Lugar – Professores Poetando 2005 ASSERS/POA. Criou e coordenou o projeto “A LITERATURA VAI AO PRESIDIO MUNICIPAL”, Santa Rosa. Rua Minas Gerais, 238, ap. 14, Centro, Santa Rosa – RS, CEP 98900-000. Tel. (0xx55)3512-6495, cel. (0xx55)9139-7903. Endereço eletrônico: engersmaira@bol.com.br.

UNI –VERSUS

01:00 / 26 / 04 / 04 / Segunda-feira

Eu estarei no silêncio
na solidão
na multidão estarei
Nos gritos irritados do homem
No sorriso das crianças com fome
No estado colérico d’alma, estarei
Na verdade que sobrepõe
Na indigesta insistência
No amor que não consome, estarei
No frêmito beijo, roçando pétalas dos lábios seus
No acordar abissal, dos lençóis de nossa alcova, estarei
Na necessária irresponsabilidade
Na transprofecia,
Eu estarei lá...
em todos os lugares...

até onde os homens suas casas constróem
No lixo, que o bicho não come
Mas alimenta o homem
Eu estarei...
estarei lá...

ENREDO

24:00 14 / 07 / 2004 Quarta-feira

Paredes mudas
Janela fechada
Mas a noite é tua
Anjo – resto de nós
Eu te procuro – eu te rejeito
Frágil...
Na minha janela eu te ganho
Vou te levando na minha ilusão
Desatino...
Destino – dos amantes.

MARIA CLARA LOPES SEGOBIA. Natural de Porto Alegre, nasceu em 17/08/49. Ligada à área humanística, formou-se em Pedagogia Educacional de Ensino em Filosofia, Didática e Psicologia da Educação. Trabalhou na Febem, atual Fase, durante 29 anos. Um sonho: escrever um livro contando as desigualdades sociais e o que ocorre dentro de uma Instituição. Pertence à Casa do Poeta Riograndense, Academia Literária Gaúcha, Academia de Artes, Ciências e Letras Castro Alves e Movimento Poético Nacional (SP). Ocupa o cargo de Vice-presidente Cultural da Casa do Poeta. Participou de várias coletâneas.

SOLIDÃO II

Estou só
Sofrendo
Sem ninguém
Pra desabafar
Falar das minhas tristezas, minhas agonias

Quero um peito amigo
Depositar minha cabeça
E meus desgostos falar

Afagando meus cabelos
Um olhar de entendimento
Dando forças pra prosseguir

Uma vontade enorme
Agarrar-me a qualquer corpo
Sentindo num abraço forte
E suas mão a me acariciar.

OBSESSÃO

Quando o amor é obsessivo
perdemos o controle do direito à nossa vida
o medo de perder, ou que se perca,
nos torna vulneráveis e submissos
às suas vontades.

É um amor tão forte e doentio
que culpando-nos pelos fracassos
alimentamos suas loucuras
e alienamos nossa vida insuportável.

Por quê?

Vem a pergunta sem resposta.
e num ato de loucura

abrimos mão desta loucura.

Não faz sentido, é pensado

anos após anos

que com desculpas retardamos.

Há sempre bons momentos

risos soltos, palavras amigas,

há muito amor, desejo de vitória!

Chega a hora do retrocesso,

da vida passada

o que foi feito

o que me tornei!?

Valeu a pena? – Não!

Não há remédio,

erros cometidos,

erros empatados.

não devo nada.

Acabou.

Sigo minha vida,

segues a tua.

Mas com amor ainda te digo:

– Tentei de tudo, acabou.

MÁRIO BELMIRO BARBOSA. Formação em Ciências Contábeis. Ferroviário vinculado à velha Viação Férrea Federal Leste Brasileiro, iniciou-se ainda estudante, em funções menores, para, seguindo a carreira sempre na mesma empresa, alcançar, concluído o curso superior, o cargo de Contador Geral. Poeta, cronista. Cachoeirano. Filho de Júlio Farias Barbosa, igualmente ferroviário, e Zulmira Freitas Barbosa. Integrante do Centro de Pensamento e Ação – CEPA, onde é diretor, da Casa do Poeta Brasileiro em Salvador – POEBRAS Salvador. Rua Padre Daniel Lisboa, 47, 3ª Travessa, ap. 401, Brotas, Salvador – BA, CEP 40285-560. Tel. (0xx71)3356-2851.

A NATUREZA EM NÓS

Sol – quando alegamos
 Chuva – quando fazemos chorar
 Lua – quando satelitamos alguém
 Estrela – quando brilhamos
 Vento – quando andamos apressadamente
 Nuvem – quando falamos politicamente
 Montanha – quando crescemos em atividade
 Cordilheira – quando juntamos a outros destaques
 Cordilheira – quando juntamos a outros destaques
 (uma família verdadeiramente constituída)
 Vulcão – quando extravasamos nossas emoções
 Trovão – quando grosseiramente falamos
 Relâmpago – quando nosso brilho é rápido
 Terremoto – quando abalamos outrem
 Ilha – quando nos sentimos solitários
 Rio – quando buscamos nossas metas
 Rosa – quando espargirmos perfumes
 Espinho – quando ferimos alguém

“O mar – um lago sereno
 O céu – um manto azulado
 O mundo – um sonho doirado
 A vida – um hino de Amor”

METAMORFOSE

Rio – Cidade Maravilhosa
como todo o Brasil é.
A Meca de todos os povos
que para aqui voltam o olhar
e quer.
O Cristo Redentor
de braços abertos
com muito amor
recebendo todos os filhos
com abraços paternais
dando-lhes boas vindas e
muitas alegrias
para que vivam todo dia
e todo dia em paz.

Mas, não sei qual o motivo
que o terror e o perigo
vieram para aqui, também...
Vejam só: a violência
é matéria-preferência
de quase toda imprensa
daqui e demais além;
e o cristo Redentor
de braços abertos.
Ninguém olha nem de perto
o que Ele a reclamar
Que é isto meus senhores?
Por que tantos dissabores?
Parem com esses horrores!
Para em busca da paz.
A vida só é vida
com a consciência tranqüila,
alegria e nada mais!

NELSON FACHINELLI. "Operário das Letras e Artes", ativista cultural Brasileiro. Co-fundador do Grêmio Literário Castro Alves e fundador da Casa do Poeta Brasileiro (POEBRAS) e da Casa do Poeta Riograndense (CAPORI). Ocupa a Cadeira nº 10, patrocinada por Lupercínio Rodrigues, na Academia de Arte, Ciências e Letras Castro Alves de Letras (RS), sua terra natal.

AGRADECIMENTOS

Neste dia do meu aniversário,
Abro meu coração humildemente,
Pra agradecer, na forma de um rosário,
A Deus – que a vida me deu de presente.

Também, neste agradecimento vário,
Sou grato a meus pais, infinitamente.
Agradecer, também, é necessário
Pela graça de ser pai eternamente.

Sou grato, também, ao Poeta dos Poetas
A dádiva de ser um dos estetas,
Que faz da poesia – uma bela oração.

E quando eu voltar para a eternidade,
Quero enviar de lá muita saudade,
Na mensagem de um Poema ou na canção!

NELSON HAROLDO CORREIA DOS ANJOS. Baiano de Salvador, nascido nos Alagados, bairro do Jardim Cruzeiro, hoje Vila Rui Barbosa – zona Itapagipana. Escreve desde os 17 anos, poesias, contos e cartas (onde revela o seu lado debochado de ver os fatos do cotidiano). Seus textos falam do amor, da alma, da solidão e de questões sociais, dentre os quais as poesias João Palafitas, Alagados, Ópera Bufo do Carnaval e outras que se destacam pelo realismo com que retratam sua infância nos Alagados. Tem trabalhos publicados na mídia eletrônica (www.usinadeletras.com.br, www.viapoesia.com.br, entre outros) e no livro I Antologia Poética do Portal Luso-brasileiro Cá Estamos Nós, além de ter participado de vários concursos de poesia tendo sido classificado em primeiro lugar. Rua Almirante Tamandaré, nº 33, Jardim Cruzeiro, Salvador – BA, CEP 40430-000. Tel. (0xx71)3313-5667, cel. (0xx71)9948-4300. Endereço eletrônico: nhnharoldo@terra.com.br.

MARCAS DO AMOR

Esta poesia já nasce triste, em trevas!
Quando o amor se torna visagem
a chuva advém das paragens...

Cerrai vossos olhos sobre o horizonte
orai, orai muito aos olhos dos céus,
mas tirai as capas, tirai os véus!

Meu leste são marcas da paixão,
teu sul são breus e melancolias...
Meu oeste me leva a tua ilusão,
teu norte é felino, são noites de folias!

As luas são repartidas... Bem sei,
é a vida! O sol tingiu-se de cinza.
Nosso tempo foi brilho do sol,
foste luas enamoradas do teu regaço
e eu a estrela maior do teu alvor!

Partiram-se os cristais, somos fatais!
Sou o teu mar, sou o teu vento
se içares velas e o barco navegar...
Viro tempestade... Fecho o tempo!

Duas luas, dois momentos
duas lâminas ao vento
dois corpos ao relento
duas lágrimas de sentimentos
são as cores do tormento!

MUSA

Um dia,
Colocarei asas
E como um colibri...
Flutuarei no espaço,
Bordejando por aí...

Penetrarei no teu quarto,
E pousarei sobre o teu corpo desnudo,
Germinando-o de pólen e desejos...
Oh, sim... Sugarás dos meus lábios
Todo néctar do amor nos meus beijos!

A noite se revelará sobre a tua cama!
E andará no frescor e na forma da libido
Sob a penumbra do teu rosto escarlate
Na doçura primitiva do teu sorriso...

E, das minhas mãos recorrentes,
Deslizando sobre o teu ventre,
Decifrarei os teus secretos labirintos.
Rocha e mar! E o amor nas tensões
Das curvas delirantes do infinito...

Partirei, rirá a lua em fino bordado.
Depois nada... Um céu de cobre,
As minhas asas recolhidas ao alforje.
E na embriaguez de uma canção banal,
A noite foge...

NADA ALÉM...

Nada sei além desta janela
Escancarada diante do meu olhar.
É o mar, é o mar!

Barcas e navios estampados
No horizonte lantejoulado
De gaivotas circundando pelo céu
Enquanto uma réstia de sol alumia
Meus olhos perdidos no escarcéu.

Por esta janela, a visão é ciclope
E me remete à infância nas palafitas.
As rajadas no azul das nuvens desertas
De moribundas manhãs jamais esquecidas.

Quebrantava-se o dia... Era a vida!
Miríades de sonhos na misantropia
Dourando barrigas de lombrigas
Sucumbindo pela anemia...

Nada além, a fome e o lixo.
Das flores apenas o resquício...

OBSESSÃO

Agora é tudo!
Mas, não me fale das flores
à beira do túmulo...
Na luz da paixão
o amor fascina e nega!
Porém, na curva do teu olhar
te vejo nua matando a flor
do amor que se insinua.
Diz-me, então,
Se o punhal da agonia
virá em qualquer dia?
É que olhando
o céu de Sofia
esta paixão pode correr
no entanto, à revelia...
Mas, ouvindo o teu canto
do meu sol desabado
o coração enlaçado
embarca na nau
dos desesperados
e acende a luz
dos naufragados...
E não sei se jogarás
a bóia
dos afogados!

O MAR E O OLHAR

No azul frugal deste mar cor das algas
Meus sentimentos navegam como setas
Porque tu, amada, sob esta noite azulada
Encanta-me na sedução da lua em réstia.

Mas preciso partir na voz do teu adeus
Sei?... Não sei se encontrarei outro rosto
Na chama, sentimentos e desejos meus
Se a noite for o teu coração noutro porto!

Por mim, desperto rijo, regaço no teu mar
Férvidos amores e bandeiras angustiadas
Quando fujo do frio mórbido do teu olhar...

É nesta navegação, o amor, acaso errado
Na seiva que acende, brilha na minha alma
O sol roto da paixão afoga-se no passado!

VÔO

Olhando o horizonte...
O caminho
acena por linhas,
disfarço!
Se no pôr-do-sol
bebo do teu vinho
cheio de presságios,
guio a linha, o fio...
Faço os traços
e, no azul crespo,
desfaço!

Mas,
se mudas
a cor do vinho,
refaço
e, nas tuas asas,
parto...

NILSON PETRONILO DE SOUZA. Poeta, sonetista, trovador, ama a pintura e o desenho. Tem livro publicado e inúmeros sonetos divulgados nas páginas do jornal Folha do Subúrbio. Sua poética preferida é a planetária e espiritualista. Gosta do cordelismo e da ficção literária. Faz parte da diretoria da OBRAPPS (ordem Brasileira dos Poetas e Poetisas Sonetistas) é um dos seus fundadores. Rua Prof. José Martins, 5, Caminho de Areia, Salvador – BA, CEP 40440-150. Tel. (0xx71) 3313-3579.

TROVAS E TROVADORES

Pede o Wanke aos Poetas brasileiros,
Algo que louve e fale sobre a trova.
Rendendo mil louvores aos pioneiros
Autores bons de quadras. Deram prova.

Velhos e jovens, Vates ordeiros,
Ou líricos, de escolas velha ou nova,
Contribuem com acertos. Verdadeiros
Êxitos. Trova? Crê, não se renova.

Ela é intocável, meiga e eletrizante.
Nela brilhou o genial Luiz
Otávio. Foi Belmir Braga, avante:

Liderando em total, nosso País!...
Ei-lo o Rodolfo Coelho Cavalcante,
Restabelece as trovas, e é feliz!

OLGA AMORIM. Rua Cincinato Braga, 535, ap. 63, São Paulo –
SP, CEP 01333-011. Tel. (0xx11)3288-0409. Endereço eletrônico:
olga.amorim@uol.com.br.

LIBERTAÇÃO

Vi você dentro do carro
parando na zona sul
apagando seu cigarro
com seu sorriso bizarro
na manhã de vento sul.

Devo manter-me sereno
sob a luz do olhar azul
assim, pousado em mim. Pleno,
disfarçando seu veneno
... gentil borboleta azul.

Dia qualquer fez-me escravo
com tanta promessa, luz
errante, cabelo flavo
de remoto sangue eslavo
... madona de olhar azul.

Irradiante meiguice,
meu eixo, meu sonho azul,
sem perceber a sandice
cometi tanta tolice
cego pelo olhar azul.

Ruíram sonhos, castelos.
O tempo é outro, Rainha.
já rompi todos os elos
dos caminhos paralelos
nos quais você me retinha.

MARIOLA

Caminho de terra
gorjeio de passarinho
silêncio quebrado.

Vento no arvoredos.
Sol pleno, duas mandalas.
São de hortaliças!

Remete-me à infância
o madeirame aparente:
casa dos avós.

Já entrando na janela
da antiga cavalaria
o verde da hera.

Simples toque de arte
no vidro: florinha enfeitada
Nossa refeição.

OLGA MATHION. Escritora, poetisa, professora. Natural de Além Paraíba – MG, filha de Carlos Geraldo Mathion e Virgínia Bela Rosa Mathion. Integra a Academia Feminina de Letras e Artes de Jundiaí, a Academia Jundiaense de Letras e a Casa do Poeta Brasileiro em Salvador. Rua Rangel Pestana, 540, ap. 12, 1º andar, Centro, Jundiaí – SP, CEP 13210-000.

O LIVRO E A CANETA / O SOLDADO E A ESPOSA

Não pode o livro se cruzar com espadas,
Porquanto, a espada é a negação da luz...

O livro é a forja a derramar enchadas,
A espada é fero a semear a cruz!

Por isso, o mundo é uma infernal gangrena...
Enchendo tudo de miséria e dor...

Fazei, soldados, do fuzil e pena...
Que a vossa espada se transforme em flor!

UM MÚSICO, UM PINTOR, UM POETA

Eram três em torno à mesa: eram três
Que a vida, na sua trama de ilusão urdida,
Juntou no mesmo afeto, na mesma viuvez...!
Um músico, um pintor, um poeta. Eram três.

O primeiro falou:
Veio da melodia, a mulher que me faz tão triste assim.
Ameia-a, como se ama a fantasia. E ela...
Sendo mulher, fugiu de mim!
Hoje tenho a alma como um piano vivo,
É por esse motivo que sou,
Mais desgraçado que vocês!

Disse o segundo:
Meus amigos, a sorte, não sei para qual dos três
Foi a pior? – Assim, levou de mim, a morte,
O que eu tinha de melhor: era a cor, a força,
A beleza, a estátua humana, olímpica, pagã...
Espelho natural da Natureza...
Nota de flauta, mágica de pão...
Com ela morreu a luz, a vida, a cor...
Manhãs de sol, tardes de ametista...
Morreu todo delírio de um impressionista:
A palheta e a esperança de um pintor!

O terceiro...
Baixou o olhar, bem devagar...
Disse um nome... Bai...xi...nho...
E... não pôde falar!!!

OSWALDO FRANCISCO MARTIS. Engenheiro químico e matemático. Poeta e ficcionista, com seis livros publicados e mais de vinte inéditos. Diretor de Intercâmbio Cultural da POEBRAS SALVADOR. Coordenou os nossos III Concurso Internacional de Poesia em 2002, o I Concurso Interescolar da Bahia em 2002 e o IV Concurso Nacional de Poesia em 2003. Rua Padre Manoel Barbosa, 527, ed. Ágata, ap. 502, Itaigara, Salvador-BA, CEP 41815-050. Tel. (0xx71)3358-5563.

LAMAÇAL

Córrego de lama,
Repleto de ratos.
O povo reclama
Por melhores pratos.

Falta-lhe de um tudo
Para suprir gente
Sem posse ou estudo
Na vida indigente.

Faltam hoje flores!
Cá ficam horrores
E o sofrer dos pobres!

Explodem tristuras
Em guerras e agruras
Provindas dos nobres.

O ATO

Nunca choca a todos.
Modos de dois, puro amor...
Amor sem pudor.

TOLERÂNCIA

Decisão em perder,
Sabedoria em viver...
Está e conviver...

LAMPEJOS CRÍTICOS

De futebol, de craques,
De dólares no olhar!
Há *black sound* de atabaques
E colares do mar!

O reluzente e atípico,
Pautado em função do olho,
Desde o lampejo críptico
À visão do zarolho!

Tendo a mente em frangalhos,
Todo ser possuído
Traz na cara retalhos.

E, no quadro, um retrato
De um mundo destruído
– Estúpido distrato!

NO ASSÉDIO MORAL

A sobrevivência,
Força da conveniência,
Nunca está na ausência...

DEPENDÊNCIA

Vida por saber,
Saúde para manter,
Visão em aprender.

MOÇALHÃO

O jovem, mocetão,
Mocetona procura
Se vã e da loucura
Por algum bonitão.

Mocidade e mocinhas,
Purezas, não moçadas,
São pelos reis caçadas
Para serem rainhas.

Moçalhão só quer sexo,
Traça velha e “novinha”
Em seu ato desconexo.

Ao chegar num moçame
Tem fome de “fominha”
– Mesmo que isso o difame!

COMPARAÇÃO

Tristeza não tem fim.
O meu salário, sim!
Acredite em mim!

FALTA AXIOLÓGICA

Na casa do nada,
No nada da fome nossa,
Fica o Brasil-fossa!

FLUXO E REFLUXO

A vaga não pára,
Maltrata as pedras e bate...
Recua, mas volta...

SER OU NÃO SER

Professor diz ser,
Quer dizer que assume ser...
Não enrustido ser.

VIDAS PRIMITIVAS

Sob o sono forte,
Luz de querubim,
Ser tupiniquim
São, lindo, de porte,

Vai andar na relva,
Sempre a dar de cara
Com a senda rara
Da olvidada selva.

– Há identidade!...
– Naturalidade!...
– Falta-lhe esperança!...

– Sobram-lhe mil lavras
com tristes palavras
De mera lembrança!...

JUDIAÇÃO

Triste ingratidão,
Retalhado coração,
Só sofreguidão.

MANUTENÇÃO FABRIL

Parada de fábrica,
Tática em serviço e prática:
Nunca se ter vítima.

MISSÃO CUMPRIDA

Por tantos esforços,
Tudo sai, por fim, bem feito.
Satisfeitos, todos.

SONHADOR

Gente triste é pássaro
Sem asas para sonhar
Mundos... mundos veros.

PÉROLA BENSABATH. Membro da Academia de letras de Araguari-GO e da Casa do Poeta Brasileiro em Salvador, exercendo o cargo de Diretora Secretária. Prêmios em poesia: III e VI FAEC (1994 e 2001) e Revista Brasília (1983). Publicações: livro **Gotas de Pérola** (1997) e participações nas coletâneas **Poetas brasileiros** (Shogun, RJ, 1994), **Brasil literário** (Crisalis, RJ, 1984), **Poetas do Brasil** (Folha Carioca, RJ, 1984). Tel. (0xx71)3833-8636.

AMOR (QUASE) IMORTAL

Maldito romantismo que exige
que eu centralize o amor
com vital consciência
de que amor traz alegria
mas também carrega ausência.

ORA – dramaticamente ajuizada
alimento-me de restrições.
ÀS VEZES – mulher irracional
de fantasias autênticas.

EU – a fêmea da espécie
embriago-me da presença
quem me acalenta esperança.

E sigo, sonhando sempre de
que num caminho sem espinhos
cantem-me o encanto do canto
d’um amor (quase) imortal.

CAFONA

Quero me vestir de cetim!
na saia, fenda rasgada
que sugira o que não pode aparecer.
Eu quero louros cabelos químicos
platinados em artificiais matizes
(que me importa?)
Meias rendadas em pernas depiladas
ruge nas faces que já não coram mais...
E eu quero batom vermelho
E unhas douradas...
arranhando como garras.

Eu quero misturar lantejoula barata
a colares de pérolas,
a pulseiras de prata.
Na cabeça, coroa de miçangas
pra me travestir de poderosa-palhaça
cafona, inusitada, corriqueira...
mais donzela que meretriz enfeitada.

(escondida na maciez do cetim carmim...)

REGINA BARCELLOS DOS SANTOS. Rua João Pedroso da Luz, 542, Santo Antônio da Patrulha – RS, CEP 95500-000. Tel. (0xx51)3662-1402.

SECA E CHUVA

Gotas de forte chuva, caídas,
molham a terra que chora,
sem lágrimas,
porque a seca enxugou.
As vertentes calaram-se.
no fundo do chão.
A água dos rios... parou.
E dos grandes mananciais
abastecedores das torneiras
o sol escaldante as evaporou.
A poeira redemoinhante
deixa a terra trincada, à vista
Sem o verde, as cores mudaram.
As plantações secaram.
Animais sedentos vagueiam, a esmo.
O céu sem nuvens afugenta a esperança
de quem lançou a semente.
E o homem, atônito, contempla
sem entender a razão.
Então é a seca!
Então é a chuva!

UMA VISÃO APRESSADA

A imprensa não limita palavras nem parágrafos quando lança nas telas de televisão, jornais e revistas tudo o que captou.

O sensacional não é sempre o fundamental. Dantesco, fantástico, estonteante, inacreditável, indescritível e deprimente, são adjetivos usados para mostrar o lado negro, o lado machucado, o lado doente da nossa Pátria.

As belezas naturais, as coisas belas, as grandes conquistas, os grandes empreendimentos só fazem fundo para mostrar o descalabro dos dramas e tragédias que envolvem o povo brasileiro. Trocam-se palavreados em campanhas políticas jorrando torrentes de promessas eleitoreiras. Enxovalham-se honra e dignidade, reciprocamente, tomando como estandarte de vitória, não a ostentação de plataformas de governo, mas o aniquilamento dos opositores. O Brasil que os brasileiros conhecem está na imprensa escrita e falada; ou está em algum livro nas escolas? A imprensa retrata com sensacionalismo os massacres nos presídios onde são sacrificados culpados e inocentes; caçada de fugitivos com cães amestrados como se ferozes fossem todos os condenados. O mundo assiste a tragédia dos SEM TERRA, homens, mulheres e crianças que por um pedaço de terra para sobreviver enfrentam a força constituída. O ouro é medido em toneladas que bem daria para eliminar toda a miséria do nosso país, mas os que nadam na lama dos garimpos a cata dos fragmentos milionários são espezinhados feito minhocas. As riquezas imensuráveis da nossa pátria já despertaram a ganância dos povos desde o seu descobrimento.

Extinguiram o índio, escravizaram o negro importado da África para saciar a ambição do branco colonizador. Esquartejaram Tiradentes por quilos de ouro garimpados no leito dos rios e por sonhar com a independência do Brasil.

Hoje brasileiros matam brasileiros sem punição. A lei é o pode, o poder que ironiza, agride, deprime, silencia, subjuga pela miséria e pela fome, enquanto canta riqueza, esbanja fartura e ostenta luxúria. A corrupção grassa como câncer em estágios finais. Nas favelas pintam-se horripilantes murais da vivência de seres humanos. A cegueira e a mudez fazem parte da cota paga pelo direito de ali viverem sem direitos, sem liberdade, sem esperança, sem paz.

VALDEVINO NEVES PAIVA. Av. Ernani O. Rocha, 2054,
Centro, São Sebastião do Passe – BA, CEP 43850-000. Tel. (0-xx-71)3655-
2554.

QUANDO CHEGAR O AMANHÃ

Quando chegar o amanhã,
que versos te darei?
Que dirá a vida
da vida que há em mim,
quando chegar o amanhã?

Em que caminhos deixarei as marcas
dos meus passos cansados;
em que ventos mandarei meus pensamentos magoados,
quando o amanhã chegar?

Ah! Quando chegar o amanhã,
o que será do amanhã?!
– um berço... uma canção de ninar?
– um túmulo... um cipreste a farfalhar?...
– uma certa estrada por onde caminhar,
mas já no fim, porque o sol da existência
já descamba para o ocaso.

Ai, que me dera, no amanhã, sentir saudades tuas,
voltar pelos mesmos caminhos
e, cobrindo os mesmos rastros,
encontrar-te vestida de noiva!...

Mas, como a marcha é sem retorno,
para que sonhos, esperanças e afã?
amanhã será um novo dia, uma nova vida haverá,
novas alegrias, novas tristezas, nova caminhada...
E tudo nos dirá que o amanhã é e será
sempre o amanhã.

ZÍNIA DE ARAÚJO GOÉS. Poetisa, pesquisadora legislativa, fundadora do Memorial Legislativo, fundadora do Coral Legislativo, prêmio 2ª Personalidade CEPA, prêmio Mulher 2000 no Legislativo da Bahia. Sócia fundadora da POEBRAS/SSA. Rua Frederico Costa, 61, Brotas. Salvador – BA, CEP 40255-350. Tel. (0xx71)3383-1157, 3244-2963.

CAMINHOS DO AMOR

Amor!
Extrato absoluto
De um sentimento maior
Que impulsiona uma força gigante
Que une, que delira,
Que se avoluma
E, em êxtase, muitas vezes
Num violento processo de destruição
Pela competição do ciúme,
Da ganância de posse
Da consciência da sua fragilidade
E na ânsia que ignora
Os seus próprios dotes
Que merecem respeito
E no auge da insegurança
Nela se resvala
Perdido, magoado porque magoou
Na perda incomensurável
Do amor que conquistou,
Mas declinou
Sem forças de aguardar
A sublime dádiva...
O amor!